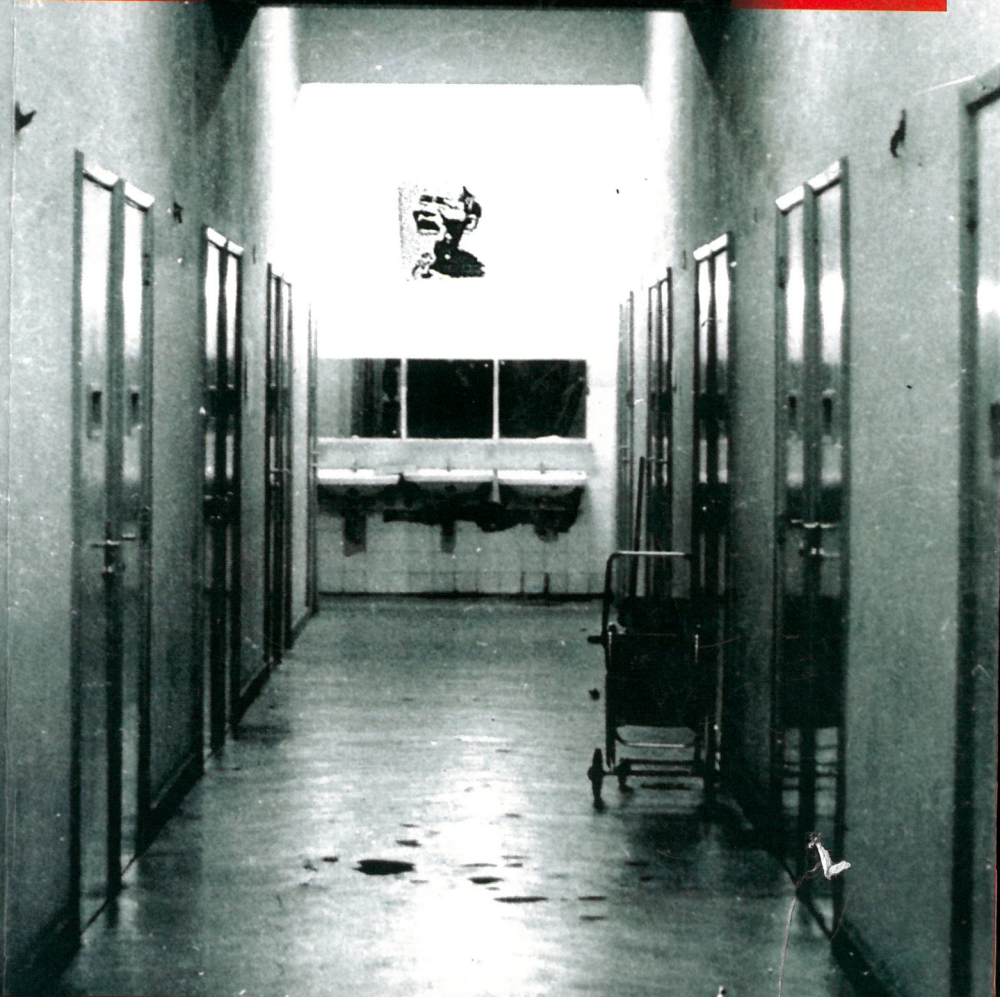


Pequenas Histórias de Cadeia



Perly Cipriano

Um coletivo

Tudo começa, quando dois ou mais presos políticos se encontram num mesmo confinamento carcerário. Até sem palavras, o entendimento vai surgindo, com jeito novo de enxergar a realidade, aflorando sensibilidades instantâneas.

O coletivo dos presos políticos cria formas novas de existir e de se relacionar com o outro. As razões e o tempo pouco importam. O espírito da solidariedade fala mais alto.

O contorno dessa maneira de agregar vai vencendo dificuldades e construindo laços internos de confiança na busca de acessos ao mundo exterior.

Quando uma pessoa chega de uma sessão de torturas, uma palavra de consolo de outro companheiro ou a oferta dum copo d'água é um gesto do coletivo nascente.

A solidariedade entre seres na adversidade tem faces e conformações infinitas de cumplicidade.

Uma simples laranja, ou pedaço de pão tra-

zido por um familiar é religiosamente repartido para cinco ou mais pessoas que não se conhecem, que tomam em suas mãos aquele favo e o saboreiam com volúpia em silêncio, como se estivessem encontrando um sentido e um sabor novo para a vida, até então desconhecidos.

As emergências e as necessidades de sobreviver convocam as sensibilidades que estiveram ocultas ao longo da vida.

Uma chama acende naquela escuridão. É a partilha do sentimento, que divide para somar quase tudo, coletivizando até mesmo a dor e as alegrias dos companheiros. É a difícil partilha da vida em comum.

As responsabilidades pela limpeza, os horários para trabalho e estudo, os horários para práticas de exercícios, as leituras em rodízio de livros, revistas e jornais, a definição por uma greve de fome, a assinatura de denúncias contra o sistema carcerário ou contra um torturador ou contra as condições precárias na cadeia, o respeito e a compreensão da dor alheia, a transcendental capacidade de ver o homem nu diante de si mesmo, através de sua alma, que não consegue se ocultar no cotidiano, diante dos grandes acontecimentos ou das minúsculas coisas da vida, tudo isso une e dá força na cadeia, o prisioneiro faz *strip-tease* da alma permanentemente. Ninguém está mais nu do que o preso no seu dia-a-dia.

Nesse processo rico e contraditório de convivências entre os prisioneiros, em transmutação, a vida nova passa a ser misteriosa, novas grades se somam. Adaptações repentinas se moldam, alterações bruscas se sucedem. E cada ser tem que estar apto a permanecer por longos anos na gangorra ou na espiral da prisão.

O coletivo ajuda na travessia. Assim, nascem verdadeiras sociedades complexas e solidárias, que podem se transformar na única referência palpável de vida gregária, onde os segredos da vida ficam distantes e, no dia-a-dia, sublimados às vezes num coletivo quase etéreo.

O coletivo passa a constituir não apenas um organismo para prestar solidariedade imediata, mas também uma instituição que mantém aceso o vínculo com a ideologia, numa espécie de religiosidade difusa, que acende a capacidade de resistência e combatividade daquela comunidade especial. Reabilita para a vida e mesmo para a luta pessoas que haviam perdido até a razão do existir. Influi nos indivíduos daquela comunidade bem como nos familiares e visitantes.

A massa carcerária e os carcereiros passam a lidar com admiração e respeito com aquela maneira nova e diferente de se representar dos presos políticos. O coletivo.

Na gênese ou no transcorrer do tempo, o coletivo podia chegar ao exagero da vigilância

ideológica jamais pensada por uma organização revolucionária das mais esquerdistas. A disciplina e as regras fixadas eram aceitas quase sempre por todos. O ambiente da prisão exigia.

Esses coletivos existiram em todos os presídios políticos. A origem e a evolução de suas normas e aquilo em que se diferenciam, mereciam uma pesquisa. As formas de resistência naquelas circunstâncias modificaram o comportamento e influíam muito na personalidade dos seus componentes.

Surgiam diferenças que se sobrepunham aos enfoques ideológicos. Variavam de presídio para presídio e de estado para estado, a exemplo do direito à visita íntima que, dependendo da história da formação do coletivo, rompia a lógica das ideologias.

No Carandiru, em São Paulo, essa não era uma reivindicação considerada importante, o que conflitava com as experiências de Recife e do Rio de Janeiro, que a tratavam como um direito ou uma conquista a ser mantida.

Carlos Alberto, transferido de Itamaracá - PE para Tiradentes - SP, viveu essa contradição. Lá ele era o mais ferrenho batalhador por esse direito e por isso era apreciado por suas iniciativas. Em São Paulo, pelos seus insistentes questionamentos, foi criticado e advertido para não cair nas artimanhas da repressão.

Mesma contradição viveu Gilney e Matos transferidos de Linhares- MG para Rio de Janeiro. Viveram e sofreram por anos a fio a rigidez da penitenciária de Linhares, onde os presos se comunicavam com as visitas através das grades, no parlatório. No Rio de Janeiro, naquela época, as visitas de familiares e amigos eram numerosas e dentro das galerias, sem nenhuma proibição aos casais, nem mesmo a de conseguir uma companheira.

Gilney e Mattos estranharam de início, mas se adaptaram rápido. Diferentemente de Carlos Alberto, no Carandiru, sem as “conquistas” de Pernambuco, a ponto de surgirem discussões prosaicas como se usar o desodorante ou tomar dois banhos por dia era ou não desvio ideológico.

Alguém podia ser censurado por não ter coletivizado uma lata de *Sustagem*, alegando que complemento alimentar é a mesma coisa que medicamento. Para outros, era só alimento especial e muito delicioso por sinal. Portanto deveria ser mantido para uso coletivo. O coletivo tem algo de relação gregária, instintiva, bem primitiva, e lampejos de uma forma nova e elevada de viver.

Situação delicada

Havia adiado várias vezes aquele pedido. A dor na bexiga era maior que o medo de levar um murro na barriga ou na costela.

Com má vontade, o PM concorda em levar-me ao banheiro. O policial devia estar cansado daquela vigilância inútil, ali o dia inteiro olhando um preso político algemado nas barras de ferros de uma janela, com as mãos para cima e de pé numa sala.

Quando ele abre as algemas, sinto um alívio momentâneo ao descer os braços. Respiro fundo, olhando meus pulsos feridos. O policial tem pressa. Novamente sou algemado, desta vez com as mãos para trás.

Ele aperta as algemas, sinto dor, reclamo. O policial finge que não ouve e segue sua rotina. Sou empurrado pelo corredor até o banheiro. No trajeto ele puxava as algemas para cima, e, com esse movimento, tornava mais difícil a caminhada e aumentava a dor das algemas apertadas.

Era um tipo grosseiro, arrogante, tinha cara e os olhos avermelhados. Estava ali a contragosto – *terrorista, só morto!*

Subversão no manicômio

O advogado e os familiares de Zé Pedro tentaram, inúmeras vezes, conseguir que ele fosse submetido a exames psicológicos ou psiquiátricos antes do julgamento. Negavam formalmente ou ignoravam o pedido, tanto na auditoria quanto no DPPS.

Numa ida à Auditoria Militar para ser ouvido em um de seus processos, Zé Pedro teve uma forte crise de convulsões. O Auditor Militar e os oficiais do Exército, a poucos metros de distância, viam Zé Pedro caído no chão a debater-se entre as cadeiras.

Apesar de sua pequena estatura, foi necessário utilizar a força de quatro soldados da PM para imobilizá-lo.

Nem esse quadro de agonia conseguia sensibilizá-los.

Isso não é problema meu, não temos tempo a perder.

O Auditor, simplesmente, prosseguiu com

a audiência.

Outros presos políticos estavam ali, onde denunciavam e mostravam as marcas das torturas sofridas no DPPS.

Secamente, o Auditor ditava para o escrivão:

*Disse que sofreu ameaças e maus tratos. A palavra **tortura** não vamos registrar.*

O advogado de ofício tenta timidamente assegurar o direito do preso.

Mas Sr Auditor, são as palavras do depoente.

As palavras do prisioneiro não são registradas.

Passemos à frente, já perdemos tempo demais com o Sr José Pedro e agora com essas questiúnculas.

José Pedro fora condenado. Cumpria pena na Casa de Detenção de Recife.

O médico gaúcho e preso político Érico Dorneles, vendo agravar-se o estado de saúde de seu companheiro, resolve montar uma estratégia para levar Zé Pedro até os especialistas.

Você vai fingir que é doído mesmo e nós vamos fazer um barulho dos diabos, apelar até pro Papa se for necessário. Só paramos quando conseguirmos transferir você pro manicômio judiciário. E lá vão fazer os exames.

A estratégia deu certo. A transferência foi conseguida.

Já no manicômio, nos primeiros momentos, outros problemas começam a aparecer.

Estou aqui para exames "médicos." Não me venham aplicar coquetel pra amansar doido, porque eu não sou doido e, além do mais, isso é coisa do fascismo. Eu sou preso político e tenho meus direitos.

Alguém, em tom provocador, contesta:

Lá na Rússia preso político toma coquetel, choque elétrico e ainda faz trabalho forçado na Sibéria.

Zé Pedro esbraveja como resposta: *Não me interessa como preso político é tratado lá na Rússia ou no inferno, sou brasileiro e preso político. Não quero papo.*

Por isso passou três dias no isolamento.

No isolamento, os internos eram tratados à base de choques elétricos e dos famosos "coquetéis" para os considerados surtados.

O efeito desse "tratamento" era devastador. Durante dias, os internos ficavam dopados, com as línguas presas, caídos pelos cantos, ou locomovendo-se com dificuldades. À simples menção dos choques e dos coquetéis "os doidos ficavam mansos". Assim se expressavam os funcionários e médicos.

Zé Pedro, ao sair do isolamento, solicitou imediatamente.

Meu direito de banho de sol é sagrado.

Como os demais internos, foi levado para o pátio de banho de sol, onde deveria permanecer sentado e em silêncio no gozo de suas "regalias".

Eu não vou ficar aqui sentado nesta quadra de cimento, tendo à minha frente um campo de futebol deste tamanho que só é usado por funcionário.

A solução encontrada foi colocar um guarda uniformizado acompanhando Zé Pedro. No início da caminhada, eram passos lentos para aquecer; em seguida passos rápidos, até se transformarem em corrida. O guarda desesperado tentava acompanhar Zé Pedro.

A estranha cena foi se bandeando para o caos.

Inicialmente risos, pelo inédito; em seguida aflição total por parte da guarda do Manicômio, quando os demais internos, de repente, começaram a correr e a gritar de alegria atrás de Zé Pedro.

Uma semana depois, Zé Pedro estava de volta à Casa de Detenção.

E como foi lá? Foi bem tratado? E os exames? Muitas perguntas ao mesmo tempo.

Disseram que não sofro de epilepsia e sim de uma forma de histeria depressiva, o que não me convenceu coisa alguma. No mais, foi tudo bem, fizeram uma covardia comigo no primeiro dia, por ordem do diretor. Me aplicaram um co-

quetel à força. Fiquei dois dias grogue.

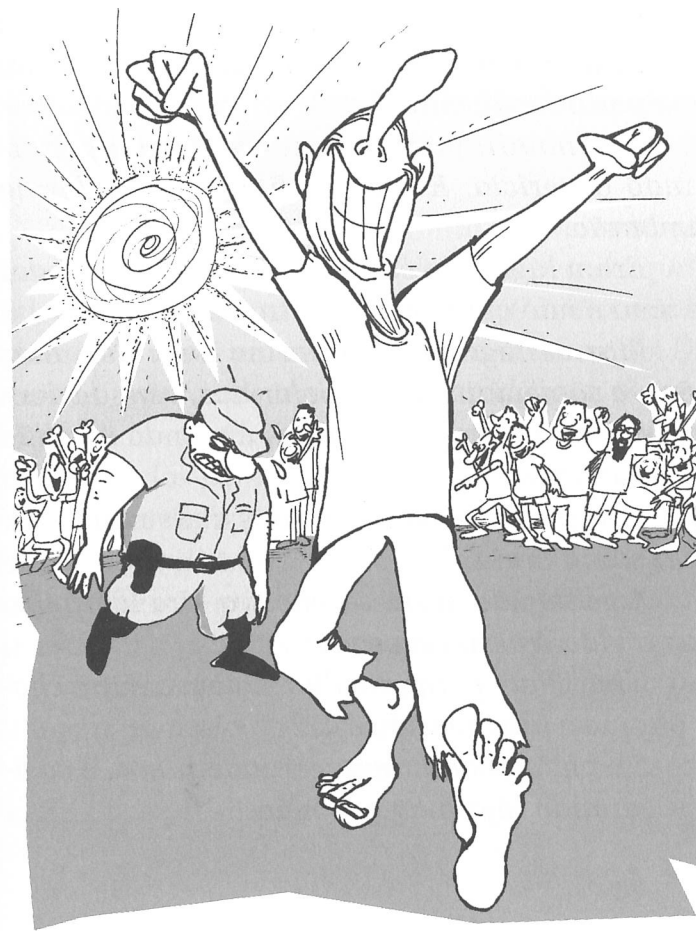
Contou a história do banho de sol e das inúmeras reuniões que fazia com os internados de lá.

O Manicômio era uma doideira só, mas tinha muita gente consciente e dava pra fazer um bom trabalho político com eles. Eu até estava gostando.

E por que você veio tão rápido? – perguntou Emilsom em tom de gozação. Você sabe que, segundo Dr. Érico, todo mundo no mundo tá meio doido e nossa causa está precisando de bons quadros políticos.

Por isso mesmo me mandaram de volta logo. Fizemos um jornalzinho lá, metendo o pau em tudo, do diretor ao tratamento, da sujeira ao diabo a quatro. Tenho um exemplar bem escondido nas minhas coisas. Passamos dias discutindo sugestões de nomes e idéias para o jornalzinho. Igual aqui, nas reuniões do Coletivo: tudo definido no voto. Foi uma pauleira para aprovar o nome, escolhemos Mequalon, um medicamento que deruba até cavalo. Aloperidol, mais fraco, perdeu por dois votos. Um cara que dizia ser Napoleão, na última hora mudou de posição. Usamos um velho mimeógrafo a álcool e fizemos 40 cópias que distribuimos lá dentro do manicômio. Acho que puniram a pessoa que deixou o mimeógrafo e as folhas com a gente e não fez a censura do Mequalon. A bem da verdade, acho que desajustados mentalmente há ali só a Direção e os funcionários,

pois os internos taxados de malucos são peças finas, mereciam estar no mundo, fazendo maluquices que todo mundo vive fazendo – concluiu Zé Pedro sua odisséia no manicômio.



Duas lágrimas

Ouvi de um preso que filosofava tristemente:
*É, irmão velho, já vi duas mães chorarem,
uma pertinho da outra.*

O filho ali, morto, estirado na rua, aguardando a perícia. E o outro filho algemado, no camburão.

Eram lágrimas pesadas. A gente sente a dor de uma e não quer sentir dentro da outra.

Mas as lágrimas correm na cara das duas mães, e são iguais. Muito doloridas, vêm de dentro, quentes, descendo no rosto e caindo no chão uma por uma.

Já vi minha mãe chorar das duas maneiras, e ela sofria muito.

A gente não devia ser motivo pra lágrimas, mas a vida é assim mesmo.

Uma chora porque o filho matou, a outra chora porque o filho morreu.

E as mães continuam gerando filhos, e os filhos gerando lágrimas nas mães.